



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 16/03/2018

BRASIL	2
Mejora ligeramente la demanda de carnes bovinas.....	2
Cepea Después de un año el precio de la hacienda supera al de la carne.....	2
Operação Trapaça.....	2
Ministro Maggi opina que la situación es menos grave que en 2017.....	2
Investigación involucra también al estado de Paraná.....	2
Complica la reapertura del mercado ruso.....	3
Misión oficial a Bruselas para aclarar la situación.....	3
A un año de la Operação Carne Fraca.....	4
Rio Grande do Sul lanzó un el Observatório Gaúcho da Carne.....	4
Puerto de Itaqui montó una estructura para exportar carnes.....	5
Nuevo sistema de trazabilidad está siendo probado.....	5
Prohibición de Rusia incide en el comercio mundial de carnes.....	6
Estiman que la oferta de ganado terminado a corral será más estable a lo largo del año.....	6
Avances en el control de origen en el estado de Pará.....	7
URUGUAY	8
Sigue el ajuste para el novillo gordo.....	8
Llegó misión japonesa por habilitación del mercado cárnico.....	8
Relación de reposición mantiene tendencia de baja, favorable al invernador.....	9
Sensible aumento en importaciones de carne vacuna.....	9
PARAGUAY	9
En EE.UU. reciben plan para carne.....	9
Exportación de carne aumentó pese a la disminución de demanda en CHILE. Crece RUSIA.....	10
Gran interés en elevar la cantidad de ganado.....	10
UNIÓN EUROPEA	10
Reporte sobre los avance en los acuerdo con Mercosur e Indonesia.....	10
Brexit: Comisión efectuó recomendaciones para un acuerdo de asociación entre el Reino Unido y la UE.....	11
Copa-Cogeca temen que la escalada de los conflictos comerciales con Estados Unidos afecte al sector alimentario.....	11
BELGICA cierran establecimiento por falsificación de datos.....	12
ESTADOS UNIDOS	12
Expansión del rodeo bovino se retrasa por la sequía.....	12
Exportaciones de carnes bovinas llegaron a un valor récord en 2017.....	13
Preocupa la política comercial de la Administración Trump.....	13
USDA publicó la norma para la producción orgánica de carnes.....	14
Japón mantendría el arancel del 50 por ciento después de marzo.....	14
Se espera que el consumo de carne aumente en 2018.....	15
AUSTRALIA	16
Vietnam incrementó su capacidad de faena e importaría más ganado en pie.....	16
Empujada por la falta de lluvias, aumentó la faena de ganado.....	16
VARIOS	16
CHINA cambiará la AQSIQ por una nueva agencia con mayores competencias.....	16
NUEVA ZELANDA Satisfacción por la firma del acuerdo de libre comercio del Pacífico.....	17
EMPRESARIAS	17
BNDES negocia venta de su participación en JBS.....	17
Holding Batista fundamentó sus decisiones.....	17
BNDES reclamarían pérdidas ocasionadas por JBS.....	18
Burger King anuncia una segunda marca en Brasil.....	18



BRASIL

Mejora ligeramente la demanda de carnes bovinas

onsumo definirá o rumo do mercado do boi gordo no curto prazo

Sexta-feira, 16 de março de 2018 - O mercado do boi gordo está travado. De maneira geral oferta e demanda estão equilibradas.

Apesar da oferta modulada pela retenção de boiadas por parte dos pecuaristas, o escoamento lento da carne não gera a necessidade de as indústrias intensificarem as compras e alongarem as escalas.

Quando há um desequilíbrio nas programações de abate, é comum observar frigoríficos oferecendo preços acima da referência e, nesses casos, o volume de negócios é maior. Esse fato evidencia que há oferta retida pelos produtores.

Para o curto prazo fica a expectativa de como o consumo irá se comportar.

Estamos entrando na segunda quinzena do mês, período que sazonalmente o consumo se retrai em função da descapitalização da população. Sendo assim, desvalorizações para o mercado atacadista de carne bovina não estão descartadas.

Cepea Después de un año el precio de la hacienda supera al de la carne

Fonte: Cepea.15/03/18 - por Equipe BeefPoint

Depois de mais de um ano com os preços da arroba da carne bovina (carcaça casada negociada no atacado da Grande São Paulo) acima dos valores da arroba do boi gordo (mercado paulista), nesta primeira quinzena de março, as médias do animal para abate voltaram a superar as da carne.

Na parcial deste mês (até o dia 14), a média da arroba do boi gordo está em R\$ 145,41 e a da carne, em R\$ 144,72, ou seja, com o animal superando em 69 centavos/arroba a proteína. Ainda que essa diferença seja mínima, trata-se de uma alteração do movimento.

Segundo pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP), a inversão da vantagem neste mês está atrelada à firmeza dos preços da arroba bovina (a média do Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa supera em 0,22% a de fevereiro), enquanto os preços da carne estão enfraquecidos no atacado (a carcaça casada do boi se desvaloriza 1,7% neste mês frente a fevereiro).

No caso do boi, a ligeira elevação dos preços se deve à baixa oferta de animais. Já para a carne, agentes atacadistas consultados pelo Cepea alegam que a demanda está desaquecida, dificultando a manutenção dos maiores patamares de preços dos cortes, o que, inclusive, impediu valorizações mais expressivas da arroba.

Operação Trapaça

Ministro Maggi opina que la situación es menos grave que en 2017

13/03/18 - por Equipe BeefPoint

O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, repetiu nesta segunda-feira, 12, que o governo passou com mais tranquilidade pela terceira fase da Operação Carne Fraca da Polícia Federal, na semana passada, em comparação com o ano passado, quando as investigações chegaram a paralisar as exportações para diversos países.

“Outros países querem se aproveitar das nossas falhas. A Carne Fraca do ano passado foi um terror; este ano esta mais leve. Nos antecipamos dessa vez e enviamos informações a todos os nossos parceiros comerciais”, voltou a dizer o ministro, no evento Gazeta Agro.

Maggi avaliou que as reações internacionais, que por vezes dificultam o acesso de produtos brasileiros a determinados mercados, são normais. Segundo ele, o trabalho do governo é buscar alternativas para a inserção desses produtos e trabalhar pela abertura de mais mercados.

“Não temos medo de competir com ninguém no mundo, não perdemos para ninguém em competitividade e preço. Mas reações de mercado são normais e temos de entender. Se a China aceitar todos os produtos brasileiros, quebra o pequeno produtor chinês. Temos de procurar alternativas, porque não há como vendermos tudo que queremos”, concluiu.

Investigación involucra también al estado de Paraná

14/03/18 - por Equipe BeefPoint O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, afirmou, nesta terça-feira, 13, que novas linhas de investigação sobre o sistema sanitário do País, referentes à Operação Carne Fraca, podem ainda “chacoalhar” o Paraná, com a delação premiada do ex-superintendente da pasta no Estado.

Ao responder sobre a possibilidade de a Polícia Federal deflagrar novas fases da Operação Carne Fraca – a mais recente, a Operação Trapaça, foi divulgada na segunda-feira da semana passada -, o ministro



disse que deve haver ainda “várias linhas abertas de investigação”, sem deixar claro, porém, se haveria ou não mais uma etapa. “Existe uma preocupação com o Paraná e, a hora que isso vier a público, pode chacoalhar o Estado também”, disse a jornalista antes da abertura do Fórum Econômico Mundial na América Latina.

Na deflagração da primeira fase da Carne Fraca, em 17 de março de 2017, Gil Bueno de Magalhães, que era na época superintendente do Ministério da Agricultura no Estado, foi apontado pela Polícia Federal e pelo Ministério Público como chefe do esquema investigado. O ministro afirmou, porém, que o governo está “muito alerta” para todos os casos e ressaltou que a última linha de investigação divulgada, a Operação Trapaça, era referente a casos que ocorreram em 2014 e 2015. “De lá pra cá mudou muita coisa.”

Blairo Maggi acrescentou que o País segue em conversa com importadores que têm regras diferentes para presença da salmonela na carne, como a União Europeia, que ameaça tirar da lista de fornecedores unidades brasileiras produtoras de carne de frango, inclusive as que não foram citadas na Operação Trapaça. “A Europa sempre foi muito crítica e tem sido desde a primeira operação (Carne Fraca)”, afirmou. “Precisamos ter um pouco de calma, de paciência nessa hora, mas de fato a operação está com menos barulho”, disse.

Sobre o plano safra 2018/19, Maggi afirmou que ainda não há nada definido e que a discussão vai se iniciar agora. “Quero conversar com entidades para definir um plano mais palatável da base”, afirmou.

Complica la reapertura del mercado ruso

14 de março de 2018 - Para secretário executivo do Mapa, operação é mais uma pedra no caminho. O secretário executivo do Ministério da Agricultura, Eumar Novacki, admitiu nesta quarta-feira, 14, que a terceira fase da Operação Carne Fraca, a Trapaça, deflagrada na semana passada pela Polícia Federal, é mais um obstáculo na tentativa de reabertura do mercado russo para as carnes suínas e bovinas, que foram embargadas no início de dezembro do ano passado. “Não há dúvida de que surge mais uma pedra no caminho a ser superada”, disse.

Ele ponderou que, em relação à Rússia, existem outras questões, além das sanitárias, a serem debatidas. “Obviamente, entendemos que há outras questões. A Rússia caminha para uma produção sustentável de carne suína e há muito tempo eles vêm investindo nisso. Em compensação, estamos insistindo que eles precisam da nossa oferta”, afirmou. Novacki ressaltou, ainda, que os russos querem exportar para o Brasil produtos como trigo e picanha.

Em relação à operação Trapaça, Novacki, observou que a Pasta ainda está levantando informações e analisando documentos. “Vendo tudo o que de fato pode ter acontecido, ou não”, comentou. Ele não deu previsão para a queda da proibição para as unidades da BRF, envolvidas na investigação, que não podem atualmente exportar para 12 países.

Novacki afirmou, ainda, que o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, se prepara para realizar uma nova missão para países da Ásia e Oriente Médio para afinar relações comerciais. A viagem deve ser realizada no início de abril.

Misión oficial a Bruselas para aclarar la situación

16 de março de 2018 - Segundo secretário de Defesa Agropecuária, viagem deve ocorrer na semana que vem

Ampliar foto Missão do Mapa vai à Europa para reuniões sobre Operação Trapaça Mapa suspendeu as exportações de aves da BRF para a UE nesta sexta-feira

O secretário de Defesa Agropecuária, Luís Rangel, do Ministério da Agricultura, disse nesta sexta-feira, 16, ao Broadcast Agro, antes da abertura do Seminário Desafios e Perspectivas do Agronegócio Brasileiro, realizado pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV, nesta sexta-feira, 16, em São Paulo, que representantes do órgão devem ir à Europa na semana que vem para explicar aos mercados consumidores a posição de que a Operação Trapaça se refere a um caso isolado envolvendo BRF e a ausência de riscos para a carne brasileira.

“Tem de agir. Nesta semana, a gente circunscreveu o caso à BRF, ressaltando que o problema era BRF e Europa, e suspendeu as certificações de exportação para permitir um ambiente de negociação mais leve”, disse Rangel. “Com o fluxo comercial ocorrendo, a negociação sempre é mais tensa. Foi tudo harmonizado com a empresa, o ministro da Agricultura, todas as autoridades.”

Segundo ele, com o autoembargo das certificações para venda externa é possível “fazer reuniões técnicas com Bruxelas de maneira mais confortável, em um ambiente mais favorável”. “O ministério está indo semana que vem (para a Europa).” Na manhã desta sexta, a BRF informou ao mercado que o Ministério da Agricultura decidiu interromper temporariamente, a partir de hoje, “a produção e certificação sanitária dos produtos de aves da BRF exportados para União Europeia”.

A BRF também citou a reunião na cidade de Bruxelas, na Bélgica, para o Ministério da Agricultura prestar esclarecimentos técnicos às autoridades sanitárias da União Europeia. “Após o encontro, a medida será



reavaliada", relatou a empresa. A companhia reitera que vem mantendo interlocução com as autoridades locais e internacionais, prestando esclarecimentos necessários.

A un año de la Operación Carne Fraca

16 de março de 2018 - Para analista, operação serviu para expor as falhas do sistema de controle de qualidade de carne do Brasil, que ainda precisa ser melhorado

No dia 17 de março de 2017 o agronegócio brasileiro sofreu o primeiro de uma série de golpes que abalaram o setor ao longo do ano. Naquela data, a Polícia Federal deflagrou a operação Carne Fraca, que investiga fraudes cometidas por fiscais agropecuários federais e empresários ligados à JBS e BRF.

sofreu as consequências. Enquanto a arroba despencava no mercado interno, diversos países importadores suspenderam a compra de carne bovina do Brasil. Com isso, as exportações do mês seguinte, abril, caíram 25% em receita e 26% em volume, de acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec).

"Na época, muitas informações erradas foram disseminadas e isso abalou a confiança do consumidor. Infelizmente, os responsáveis (Polícia Federal) não deram as caras para fazer a devida retratação", lembra o analista de mercado José Vicente Ferraz, da Informa FNP, citando o caso da "carne com papelão", que se referia à embalagem em que o produto foi colocado e não à mistura no processamento da proteína.

Em meio a esse turbilhão, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e diversas entidades do setor foram atrás dos países importadores para prestar os devidos esclarecimentos e os embargos momentâneos foram vencidos ao longo do ano. A partir daí, as exportações voltaram com força total e o Brasil encerrou 2017 com alta de 9% em volume e 13% em receita sobre o ano anterior.

Passado um ano do início da operação, o turbilhão já se dissipou e o setor já não sente mais os impactos da Carne Fraca, na visão da analista Isabella Camargo, da Scot Consultoria. "Os preços se recuperaram rapidamente, antes até de qualquer projeção feita na época. Isso mostra o grande poder de reação da pecuária brasileira".

A analista também afirma que a operação serviu para unir todos os elos da cadeia produtiva e reforçar as qualidades da carne brasileira no exterior. "O setor mostrou total união e a ação das entidades junto aos exportadores foi fundamental para isso. Hoje, o mundo sabe que pode confiar na carne brasileira, prova disso foi o aumento expressivo nas exportações em 2017 e no início desse ano", concluiu.

Para Ferraz, a Carne Fraca serviu para expor as falhas do sistema de controle de qualidade de carne do Brasil, que ainda precisa ser melhorado "Ainda somos falhos em questões sanitárias e isso ainda nos impede de acessar mercados mais exigentes", avalia.

Embora celebre a reversão do cenário caótico de 2017, o analista acredita que a Carne Fraca causa impactos no setor. "De certa forma a imagem da carne do Brasil ainda é vista com certa desconfiança no exterior. Ainda deve levar algum tempo para que isso seja totalmente esquecido, o que é normal após tudo o que aconteceu".

Operação Trapaça – No dia 5 de março deste ano, a Polícia Federal deflagrou a 3ª etapa da Carne Fraca. A operação, intitulada de "Trapaça", cumpriu 91 ordens judiciais no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e São Paulo, que culminaram nas prisões temporárias do ex-presidente da BRF, Pedro de Andrade Faria, e do ex-diretor e vice-presidente, Hélio Rubens Mendes dos Santos Júnior.

Diferente do que aconteceu no ano passado, a nova fase da investigação não deve afetar o mercado do boi. "Está muito claro que o foco das investigações é a cadeia de aves e isso não deve impactar as outras proteínas. As demais empresas do setor também não devem ser abaladas, a única que sofrerá as consequências é a BRF, por ser alvo das investigações", conclui José Vicente Ferraz.

Rio Grande do Sul lanzó un el Observatorio Gaúcho da Carne

15/03/18 - por Equipe BeefPoint O Observatório Gaúcho da Carne (OGC) será lançado nesta quinta-feira durante evento no Palácio Piratini. O OGC contribuirá para reduzir a assimetria de informações entre os elos da cadeia produtiva da carne bovina, ao reunir o big data da pecuária do Rio Grande do Sul e transformá-lo em informação e conhecimento.

Por meio de uma abordagem inovadora, o Observatório não coleta dados, e sim conecta grandes volumes de informações homologadas, obtidas das mais diversas fontes públicas oficiais e/ou acreditadas. Após, são transformados em dados que passam a ter significado, e apresentando-as em painéis analíticos de fácil consulta, permitindo a compreensão das atividades realizadas pelo setor produtivo desde o nascimento dos animais até a exportação dos produtos gaúchos. Ao transformar dados em informação, o OGC conta as histórias da pecuária e do mercado de carnes gaúcho, e sua inserção nacional e internacional.

Tomando como modelos o Meat Market Observatory da Comissão Europeia; o Inac (Instituto Nacional de Carnes do Uruguai); o Atlas da Complexidade Econômica da Universidade de Harvard e o Observatório da Complexidade Econômica do Massachusetts Institute of Technology norte-americanos, o Rio Grande



do Sul passa a contar agora com uma ferramenta de informações inovadora e disruptiva, que certamente ajudará no melhor entendimento dos elos da cadeia produtiva da carne bovina gaúcha.

Lançado durante a Expoiner 2017, para ser entregue em março de 2018, o OGC é oferecido como uma grande inovação para a pecuária gaúcha, por meio de um website de livre acesso na internet, ajudando a uniformizar as informações e permitindo uma melhor compreensão deste setor tão tradicional e importante para a economia do Estado.

O observatório tem como objetivo principal a criação da Agência Gaúcha da Carne, que valorizará ainda mais a qualidade da pecuária do Estado.

Puerto de Itaqui montó una estructura para exportar carnes

14 de março de 2018 - De acordo com diretor do porto, opção é em média de 15% a 20% mais barata que as rotas utilizadas atualmente

Ampliar foto Itaqui monta estrutura para exportar carnes Estrutura tem potencial para movimentar até 110 mil TEUs (equivalente a um contêiner de 20 pés) em 2020

O Porto de Itaqui, no Maranhão, quer atrair exportadores de cargas refrigeradas, como carnes, e de algodão, que atualmente enviam a produção para o Exterior utilizando outros portos do País. Para tanto, montou uma estrutura com potencial para movimentar até 110 mil TEUs (um TEU é equivalente a um contêiner de 20 pés) em 2020, antecipou ao Broadcast Agro o diretor de Planejamento e Desenvolvimento do porto, Jailson Macedo F. Luz. As informações sobre a operação serão apresentados na tarde desta quarta-feira, 14, em São Paulo em um estudo desenvolvido pela Empresa Maranhense de Administração Portuária (Emap), ligada ao governo do Estado, que gerencia o Porto do Itaqui.

"Já temos um píer pronto para a operação e inauguramos no fim do ano passado um novo pátio com 20 mil metros quadrados para receber carga refrigerada. Parte delas virá do Centro-Oeste pela Ferrovia Norte-Sul. A rota está pronta", disse Luz durante a Intermodal 2018, feira de logística realizada na capital paulista.

Dos 110 mil TEUs, aproximadamente 40 mil TEUs corresponderão a produtos que precisam de refrigeração, especialmente carnes bovina e de frango, e 12 mil TEUs vão ser destinados para algodão, de acordo com Luz. A estrutura de Itaqui, acrescenta, é uma opção em média de 15% a 20% mais barata que as rotas hoje utilizadas por produtores de carnes e da pluma. O pátio ainda poderá ser ampliado em mais 34 mil metros quadrados no futuro, a depender da demanda.

No caso das empresas de carne bovina e de frango, a alternativa deve interessar aquelas com operações em Tocantins e Goiás que atualmente exportam pelos portos do Rio de Janeiro (RJ), Santos (SP) e Vitória (ES). Com relação ao algodão, o Porto de Itaqui é uma opção competitiva para o escoamento do algodão produzido no próprio Estado do Maranhão e na Bahia, por ora exportados por Santos. "Queremos mostrar, por meio deste estudo, que a exportação de produtos vindos pela ferrovia Norte-Sul até Itaqui é uma rota viável e com custo competitivo para exportação", diz o diretor do porto.

A área dedicada à movimentação de contêineres também poderá reduzir os custos de abastecimento de alimentos e produtos do próprio Estado. Luz explica que boa parte dos produtos consumidos pelos maranhenses é trazida de Estados mais ao sul por navio até o Porto de Pecém (CE) e depois segue por rodovia até o Maranhão. Esta carga, a partir de agora, poderá ser trazida também por cabotagem (navegação entre portos de um mesmo país em águas costeiras) até o porto de Itaqui, eliminando o transporte rodoviário.

Nuevo sistema de trazabilidad está siendo probado

12/03/18 - por Equipe BeefPoint Um novo sistema de rastreabilidade bovina, totalmente automatizado, foi desenvolvido e está sendo testado pela Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA). O local escolhido para o projeto é a fazenda Sanga Puitã, a 70 quilômetros de Brasília, na região do Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (PAD-DF).

Para dar início aos testes, todo o rebanho bovino da propriedade, composto por 240 cabeças de gado da raça nelore, recebeu brincos de identificação, que têm o objetivo de registrar todo o manejo realizado, incluindo vacinações, tratamentos, movimentações entre propriedades e outras informações, como idade, sexo e raça dos animais.

A ferramenta permite o completo monitoramento do gado, desde o nascimento até o desligamento do brinco eletrônico, quando ele vai para abate, no frigorífico. Os dados armazenados permitem oferecer transparência aos países importadores da carne brasileira, podendo ser facilmente acessados por computador ou por um aparelho celular.

"O sistema que está em teste vem para dar garantias específicas aos parceiros comerciais do Brasil, podendo chegar à rastreabilidade individual para garantir a idade, a raça e o sexo do animal, tudo com a Certificação Oficial Brasileira do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento", explica o coordenador do Protocolos de Rastreabilidade da CNA, Paulo Vicente Costa.



Os testes começaram em 26 de janeiro, com a identificação de todos os animais da propriedade e a inserção dos números de identificação de cada animal no sistema. A primeira avaliação será feita ainda este mês. Nessa primeira etapa, os técnicos vão verificar os relatórios emitidos pelo sistema, levantar as ocorrências de nascimentos, mortes, compra e venda de animais, além de averiguar se o responsável pela propriedade está operando a ferramenta com facilidade. Os testes devem terminar em maio. Ainda este ano, será feita a validação do sistema, que, em seguida, será liberado para implantação no rebanho nacional e disponibilizado para parceiros internacionais.

A vantagem econômica que o novo sistema traz ao produtor é enorme. Ele permite melhor preço na venda dos animais, pois atende a compradores com exigências específicas, disposto a pagar mais para ter o produto de acordo com suas necessidades e exigências. “O novo sistema vai permitir o atendimento dos vários tipos de demanda, já que pode separar produtores brasileiros que realizam manejos diferentes, identificando, assim, os rebanhos aptos a satisfazer cada comprador”, esclarece Paulo Costa.

Para Luís Barcelos de Melo Júnior, administrador da fazenda Sanga Puitã, a implantação do novo sistema vai valorizar o rebanho e aumentar a rentabilidade do negócio. “O método vai ajudar a melhorar o manejo e o controle de doenças e vacinas”, enfatiza. A pecuária brasileira como um todo ganhará credibilidade e um diferencial de qualidade. O resultado final será a maior produtividade e o aumento do preço pago pela arroba. Os frigoríficos vão querer pagar mais, pois venderão os produtos a clientes específicos”, avalia Luís Barcelos.

Fonte: Estado de Minas, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Prohibición de Rusia incide en el comercio mundial de carnes

USMEF March 13, 2018 Russia's ban on Brazilian meat imports is affecting trade in Russia, but also other countries. (Farm Journal)On Dec. 1, Russia halted imports of Brazilian pork and beef due to findings of ractopamine residues in some meat shipments from Brazil. The suspension has now lasted more than three months, impacting meat trade not only in Russia, but also in other countries where Brazilian exporters are looking to offset the loss of the Russian market.

In the attached audio report, Yuri Barutkin, U.S. Meat Export Federation (USMEF) representative in Europe and Russia, notes that Brazil had been Russia's dominant pork supplier, capturing about 90 percent of the imported pork market. This was due in large part to the fact that pork from the European Union, the United States and Canada has been absent from the Russian market for several years due to economic counter-sanctions and other trade barriers. Russia is a critical destination for Brazilian pork, as it was taking about 40 percent of Brazil's total pork exports at the time of the suspension. Since the Russian market closed, larger volumes of Brazilian pork have been shipped to Hong Kong and China.

Brazil held about one-third of Russia's imported beef market at the time of the suspension, with Russia also accepting imports from Paraguay, Argentina, Uruguay and Belarus. But Barutkin explains that because Russia has a lower level of self-sufficiency in beef production, the absence of Brazilian beef is impacting Russia's processing industry. At the time of the suspension, Russia was taking about 10 percent of Brazil's total beef exports. The largest export markets for Brazilian beef are Hong Kong, China, Egypt and Iran.

Estiman que la oferta de ganado terminado a corral será más estable a lo largo del año

14 de março de 2018 - Pesquisa da assessoria NF2R aponta que pecuaristas distribuirão melhor a terminação em confinamento ao longo do ano para combater a ociosidade

A distribuição de oferta é um dos tópicos mais importantes no planejamento anual de qualquer confinador. A atividade geralmente é mais forte no segundo giro, com animais sendo terminados entre os meses de setembro e novembro, acompanhando a produção de grãos.

No entanto, o combate à ociosidade dos confinamentos deve fazer com que os produtores distribuam melhor a sua oferta ao longo do ano, abrindo espaço para o crescimento do primeiro giro, que se caracteriza pela terminação dos animais entre abril e julho.

A previsão foi feita pelo analista Rodrigo Albuquerque, da NF2R Assessoria Agropecuária, que conduziu uma pesquisa com confinadores de nove Estados, que, juntos, devem abater 546.065 cabeças em 2018. Segundo ele, os resultados apontam que os produtores distribuirão 45% da sua oferta anual de gado no primeiro giro e 55% no segundo giro.

“Esse movimento ocorreu na agricultura com as safras de verão e inverno e mostra que o confinador sabe da importância de girar o seu rebanho o ano inteiro para evitar que as instalações fiquem muito tempo paradas”, destacou. “A ociosidade é a grande vilã da pecuária, ainda mais no confinamento. O ano tem 365 dias, então, não faz o menor sentido utilizar as instalações por pouco mais de 90”, destacou.

Além dos ganhos ao confinador, o analista também reforça que a melhor distribuição da terminação tende a trazer benefícios para toda a cadeia produtiva. Os frigoríficos se beneficiarão pela maior constância de oferta. A indústria de rações por ter suas vendas melhor distribuídas ao longo do ano. “O movimento



chegará na ponta final da cadeia, já que os consumidores terão acesso à carne de animais terminados em confinamento, que geralmente é de melhor qualidade”, prevê.

Embora a perspectiva geral aponte para esse equilíbrio de distribuição, a realidade é totalmente distinta na análise individual por estados. Entre as praças pesquisadas, apenas em São Paulo e Tocantins o confinamento terá a mesma distribuição de oferta do resultado geral.

Em Goiás, maior Estado confinador do país, os produtores continuarão apostando suas fichas no segundo semestre. A pesquisa aponta que a distribuição de oferta na região será de 37% no primeiro giro e 63% no segundo.

A concentração é ainda maior em Rondônia. Apenas 28% do gado confinado no Estado será terminado entre os meses de abril e junho. Os demais 72% irão para a linha de abate entre setembro e novembro.

O movimento é invertido apenas em Mato Grosso, estado que detém o maior rebanho bovino do país e segunda maior praça de confinamento. A oferta será distribuída 62% e 38%, para o primeiro e segundo giro, respectivamente.

Avances en el control de origen en el estado de Pará

16/03/18 - por Equipe BeefPoint Auditorias feitas em algumas das principais empresas que comercializam gado, carne ou couro bovinos produzidos no Pará apontam que a maioria das companhias que se comprometeram a aperfeiçoar o controle da origem da matéria-prima adquirida de produtores paraenses vem implementando as medidas necessárias para garantir a legalidade e a sustentabilidade de sua linha de produção.

As providências para tentar eliminar do mercado os produtos procedentes de terras públicas invadidas ou de áreas onde tenham sido constatados desmatamento ilegal ou trabalho escravo estão previstas em Termos de Ajuste de Conduta (TACs) assinados com o Ministério Público Federal (MPF) a partir de 2009, visando conter o desmatamento e a grilagem de terras no estado.

De acordo com o MPF, na época da assinatura dos TACs, os frigoríficos não sofriam qualquer controle, o que favorecia a aquisição de gado criado em áreas com irregularidades socioambientais.

Auditados por assessorias contratadas pelas próprias empresas, os primeiros resultados do acordo foram divulgados pelo MPF nesta sexta-feira (9), em Belém (PA). Apesar de reconhecer haver espaços para ajustes e para outras medidas, o procurador Daniel Azeredo destacou os resultados positivos dos TACs.

“Os resultados evidenciam os avanços que já vínhamos constatando, como uma redução no nível de desmatamento no estado. A assinatura dos TACs não interrompe, mas freia o desmatamento”, disse o procurador, antes de ser questionado a respeito dos percentuais de evidências de que as empresas tenham adquirido gado com irregularidade.

As auditorias em 38 unidades de 26 empresas clientes da agropecuária paraense indicam que, mesmo entre as maiores, os índices de suspeita de produtos irregulares dificilmente foram inferiores a 13%.

“É preciso destacar que são evidências. Por conta da dificuldade de acesso às fontes de dados, não temos certeza de que, de fato, houve irregularidades. Pode ser um caso de distorção nas interpretações dos dados, que as empresas podem ter como justificar. Por isso, consideramos como aceitável um nível de evidências de irregularidades de até 30% [do total de gado adquirido]”, explicou o procurador.

Auditorias por amostragem

As empresas que assinaram o TAC e cuja auditoria apontou um resultado satisfatório, com evidências de que não mais que 30% do gado adquirido tinham evidências de irregularidade, conquistaram o direito de contratar auditorias por amostragem, procedimento mais barato que a auditoria completa.

Como o balanço divulgado ontem é o primeiro de uma série que o MPF planeja tornar regular, as punições previstas nos TACs de quase dez anos atrás ainda não vão ser aplicadas.

“Como entendemos que há um grupo de empresas com resultados satisfatórios e uma grande deficiência dos bancos de dados públicos consultados, vamos continuar cobrando auditorias anuais. daquelas que tiveram um índice de evidências de irregularidades superior a 30% estamos cobrando esclarecimentos e justificativas e só após ouvi-las vamos tomar qualquer decisão”, esclareceu o procurador, explicando que o descumprimento dos TACs pode, no futuro, ser punido com multas e motivar a instauração de ações civis ou criminais.

Prevendo que os resultados das auditorias feitas em 2017 podem vir a ser divulgados daqui a seis meses, Azeredo adianta que, a partir de agora, o MPF vai centrar esforços em grandes frigoríficos que não assinaram TACs com o MPF, nem se submetem às auditorias que o órgão exige das demais empresas.

Fiscalização busca a realidade

“Nosso objetivo, agora, é fiscalizar estas unidades a fim de saber qual a realidade”. Além disso, as empresas que já pactuaram as medidas a ser adotadas estão recebendo recomendações para aprimorar os sistemas de controle, evitando comprar gado que nasce em áreas ilegais, mas é revendido por produtores legalizados, procedimento chamado de “lavagem” ou “esquentamento” do gado. As empresas também devem manter atualizadas suas bases de pesquisa a fim de facilitar futuras auditorias.



Para o procurador, além de tornar mais precisos os critérios e procedimentos de compra das empresas que operam no Pará, a divulgação dos resultados das auditorias permite à sociedade comparar e questionar o desempenho das empresas, contribuindo para minimizar também a concorrência desleal. “Muitos empresários reclamam que os frigoríficos que não têm estes controles têm facilidade para absorver gado irregular a preços mais baixos e, ao contrário das [empresas] que assinaram os TACs, não gastam com as auditorias, que não custam pouco”, finalizou Azeredo.

URUGUAY

Sigue el ajuste para el novillo gordo

Marzo 16, 2018 Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Negocios por novillos se concretan entre US\$ 3 y US\$ 3,05 por kilo carcasa y hay estabilidad en la reposición

La llegada de las tan esperadas lluvias y las expectativas de una posible falta de ganado gordo en el segundo semestre se reflejó en los remates por pantalla de esta semana. Los altos volúmenes ofertados y también de colocación muestran qué zonas están más o menos afectadas por la sequía y con dificultades entrando al otoño.

El mercado de reposición se mantiene estable y con firmeza en las categorías de terneros y novillitos. Los terneros promediaron US\$ 2,13 en Lote 21 y 2,17 en Plaza Rural. Y los novillitos US\$ 1,72 en los dos remates.

Por otro lado, la oferta de ganado gordo supera a la demanda y se traduce en una baja de valores que ronda los cinco centavos semana a semana. La situación climática ha acelerado la salida de ganado de los campos, con mucha oferta de escasa terminación. Los negocios por novillos se concretan entre US\$ 3 y US\$ 3,05 por kilo carcasa, con muy poca disponibilidad de ganado bien terminado. Hay industrias que ya piden menos de US\$ 3 para los ganados más generales.

Las entradas a frigorífico en general van entre 12 y 15 días, con una faena que impulsada por la sequía la semana pasada volvió a estar arriba de las 50.000 cabezas.

Totalizó 52.808, apenas por debajo de las 52.640 de la semana anterior y 16% por encima de las 45.484 cabezas del mismo período de 2017. Y tuvo la mayor participación de novillos, al menos desde 2009, con 55,8%.

"No veo que la demanda se haya frenado. El ajuste de precios lo asocio principalmente a la abultada oferta y la baja calidad de los ganado ofertados", explicó un consignatario.

Para la vaca gorda, con un ajuste semanal también de cinco centavos, los negocios van entre US\$ 2,80 y US\$ 2,90 y para vaquillona entre US\$ 2,95 y US\$ 3.

La sequía no pasa desapercibida. Las vacas de invernada en Lote 21 y en Plaza Rural promediaron US\$ 1,14 en pie, un 6% menos que en el remate anterior y valor el más bajo desde 2016 comparado con el promedio de las tres pantallas.

Ante la posibilidad de un porcentaje mayor de vacas falladas, como efecto de la sequía, para el segundo semestre podría esperarse una mayor faena de vacas que de novillos.

En ovinos hay una menor oferta, con una faena dejada en segundo plano frente a la gran actividad del ganado vacuno. Los valores por borregos y ovejas ajustaron a la baja alcanzando US\$ 2,96 y US\$ 2,62 por kilo respectivamente. El cordero y capón se mantuvieron en US\$ 3 y US\$ 2,74, de acuerdo a la grilla de consignatarios.

La faena –más enfocada en el cordero pesado– totalizó 18.142 cabezas la semana pasada, un 19% por debajo de las 22.483 de las sacrificadas la semana anterior y 55% superior a la de la misma semana del año pasado, cuando se faenaron 11.726 lanares. En ovejas, fue de 9.239, una participación del 51%, 10 puntos porcentuales por encima que en mismo período del año pasado.

El precio de exportación de carne vacuna registró el mayor promedio semanal del año

La tonelada de carne vacuna exportada promedió US\$ 3.846 en la semana cerrada el 10 de marzo y fue el mejor valor desde la primera semana de diciembre del año pasado.

Subió 9% respecto a los US\$ 3.514 al dato anterior, de acuerdo a los datos que publica el Instituto Nacional de Carnes (INAC) y confirma la tercera semana consecutiva arriba de US\$ 3.500 por tonelada.

En lo que va del año el precio de exportación de carne vacuna acumula una suba de 4% interanual, con US\$ 3.512 frente a US\$ 3.363 por tonelada un año atrás.

A la espera de las lluvias

Se espera que la llegada de las lluvias modere el volumen de faena en vacunos. Con una extracción de ganado muy fuerte en los últimos cuatro meses y la posibilidad de falta de ganado en el segundo semestre, el panorama de precios para el novillo gordo parece interesante.

Llegó misión japonesa por habilitación del mercado cárnico

Marzo 12, 2018 Este lunes se entrevistó con el ministro Enzo Benech y asesores



El actual consejero especial del gabinete de gobierno de Japón, Koya Nishikawa, llegó a Uruguay este lunes 12 encabezando una delegación, informó un escueto comunicado del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP).

Esta visita se produce en el marco de la etapa final que se desarrolla para habilitar a Uruguay como proveedor de carne a dicho mercado.

El ex ministro japonés de Agricultura, Forestación y Pesca fue recibido este lunes por el ministro titular del MGAP, Enzo Benech, el director de Asuntos Internacionales, Rodolfo Camarosano, el director de los Servicios Ganaderos, Eduardo Barre y el director de los Servicios Agrícolas, Federico Montes.

Acompañado por una relevante delegación, Nishikawa destacó el proceso en el que está inmerso Uruguay y valoró muy positivamente el sistema de trazabilidad que está en funcionamiento, confió el Ministro Benech.

Relación de reposición mantiene tendencia de baja, favorable al invernador

15 de marzo de 2018 La relación de precios entre el novillo gordo y la reposición fue en febrero la segunda más baja desde julio del año pasado, de 1,24, y se mantiene una tendencia a la baja desde el pico máximo que tocó a comienzos de 2016. El promedio de marzo, probablemente, muestre un repunte.

Hasta el mes pasado la relación venía ajustando favorable al invernador, con un precio para el novillo que se afirmó en febrero con un promedio en pie de US\$ 1,71 por kilo, según se desprende de valores de ACG. Se trata del promedio más alto desde agosto del año pasado.

Si se compara el precio el promedio mensual para el novillo gordo de febrero (valor en pie) con igual mes del año pasado muestra una suba interanual de 7%. Sin embargo, en la comparación interanual del valor promedio de terneros (valores de pantallas) la suba es de solo 1%.

La relación de reposición tocó un máximo histórico en marzo de 2016 –de 1,44-, con un precio para novillo en pie de US\$ 1,50 y de US\$ 2,17 para ternero.

Sensible aumento en importaciones de carne vacuna

Marzo 16, 2018 El mayor volumen de las compras proviene de Brasil

Aunque los volúmenes de importación de carne bovina que registra Uruguay son muy pequeños en relación al consumo de alrededor de 200 mil toneladas anuales, las compras en la región han experimentado una suba interesante en los dos primeros meses de este año.

Según datos de la Dirección Nacional de Aduanas las importaciones de enero y febrero pasado representaron 1.798 toneladas, lo que significa un 360%, con relación a igual período de 2017, según datos divulgados por Tardáguila Agromercados.

El volumen mayor de las compras se ha concretado en Brasil a raíz de la diferencia de precios de los ganados, siendo claro que en enero y febrero de 2017 los precios eran bastante similares, levemente por encima de los US\$ 2,90 el kilo.

Sin embargo en el comienzo de 2018 se abrió una brecha considerando que el novillo cotizó en Uruguay a un valor medio de US\$ 3,10 y en Brasil lo hizo a US\$ 2,86.

Como consecuencia de esas diferencias, la importación de carne desde Brasil pasó de 293 toneladas en el período analizado de 2017 a 1.526 toneladas este año.

Desde Paraguay hay considerablemente menor la importación, sumando las compras este año 242 toneladas, mientras que en similar período de 2017 adquirió 195 toneladas.

Se da una situación muy particular en este caso, según los datos de la Consultora, puesto que mientras en Paraguay el novillo tenía una cotización de US\$ 3,40, superior en más de US\$ 0,30 por kilo, igualmente resultaba conveniente la importación, facilitada por los menores costos interno paraguayos.

PARAGUAY

En EE.UU. reciben plan para carne

13 de Marzo de 2018 Un plan estratégico para el desarrollo y crecimiento de las exportaciones de carne paraguaya, realizado por estudiantes de posgrado de la Universidad de Cornell, Estados Unidos, fue entregado ayer a la misión del Paraguay ante las Naciones Unidas, según informó ayer el Ministerio de Industria y Comercio (MIC).

Según los datos, el documento fue entregado con cero costo para el Paraguay a los representantes del Gobierno Nacional, el ministro de Industria y Comercio Gustavo Leite y el embajador de nuestro país en los Estados Unidos, Germán Rojas, entre otros.

“Las grandes líneas son crecer en todo lo que es carne sin aditivos artificiales, algo que en Paraguay se puede hacer. Las recomendaciones son concentrarnos en los mercados de alto precio. No es descabellado pensar que de los US\$ 1.300 millones que exportamos al año podemos llegar a US\$ 2.000 millones, lo que significaría más ingresos, más impuestos y más fuentes de trabajo para todos los



involucrados en la cadena”, señaló el ministro Leite, añadiendo que invitará a los involucrados a hablar del tema, tras la Semana Santa, en una mesa de trabajo.

Exportación de carne aumentó pese a la disminución de demanda en CHILE. Crece RUSIA

13 de Marzo de 2018 La exportación de carne paraguaya creció 2% a febrero último. Esto gracias a un aumento en la demanda por parte del mercado ruso que amortiguó los inconvenientes surgidos en Chile. A febrero último Paraguay exportó carne a los distintos mercados internacionales por valor de US\$ 176 millones, siendo el mercado ruso el mayor demandante del producto paraguayo por valor de US\$ 62,7 millones, de acuerdo con los datos de comercio exterior que publicó ayer el Banco Central del Paraguay. Según los datos, la exportación de carne a Rusia creció 44% con relación a febrero del año pasado y representa una participación del 35% sobre el total exportado. Este incremento de la demanda por parte del mercado ruso compensó en parte la caída sufrida desde el mercado chileno, que hasta el año pasado era el mayor demandante.

Entre enero y febrero de este año se exportó a Chile por valor de US\$ 59 millones, que representa una caída del 5% frente a igual lapso del año pasado, igualmente sigue conservando una importante participación en la demanda con un 33%. También se registraron bajas en la exportación del citado producto a Israel (-2,6%), Brasil (-39%), Vietnam (-17%), Irán (-34%), Taiwán (-52%) En contrapartida se observó repuntes en los envíos a Suiza (25%) y Hong Kong (214%), según las cifras del reporte.

Con respecto a la caída en la demanda de Chile, la misma guarda relación con la suspensión a cinco frigoríficos paraguayos en el mes de febrero último. Al respecto el economista jefe del BCP, Miguel Mora, dijo que los agentes aseguran que la carne que no va a Chile podría reasignarse a otro mercado, como ocurrió en el caso de Rusia.

No obstante, se espera que la situación se pueda subsanar en los próximos meses y así recuperar la dinámica del mercado chileno, que siempre se ha posicionado como uno de los mercados más influyentes, alegó.

Baja en envíos globales

Las exportaciones totales al mes de febrero de 2018 alcanzaron un valor de US\$ 1.877,8 millones, que representa una baja del 1,1% con respecto al mismo periodo del 2017, cuando se enviaron productos al exterior por US\$ 1.899 millones.

Los técnicos de la banca matriz detallaron que el resultado de las exportaciones en el segundo mes del año se vio influenciado principalmente por los menores envíos registrados de granos de soja y cereales. Mora detalló que las exportaciones de granos (principalmente soja) sufrieron un menor rendimiento en estos meses debido a inconvenientes ligados al transporte de los productos.

Sin embargo, agregó que el sector no espera una expansión muy grande, ya que la cosecha será similar o incluso por debajo de la del año pasado.

Gran interés en elevar la cantidad de ganado

14 de Marzo de 2018 Una concurrencia de más de 600 personas generó ayer el foro ganadero desarrollado en el local de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), con la meta de impulsar el aumento del hato bovino.

En la apertura, el presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Lic. Juan Carlos Pettengill, explicó que la actividad se realiza para proporcionar a productores y técnicos las herramientas y tecnología necesarias para impulsar la ganadería paraguaya.

“El objetivo nacional es aumentar el hato bovino a través del mejoramiento de los índices de marcación, de preñez y de extracción, que son proporcionadas mediante la capacitación hecha por los diversos especialistas que expusieron en el foro”, explicó.

Según los datos, el hato ganadero en Paraguay se estima actualmente en 13,5 millones, que representa una caída contra los datos del 2014, cuando se había llegado a unas 14,9 millones de cabezas.

Durante una entrevista, Pettengill destacó que el pasado lunes regresó de Nueva York, Estados Unidos, lugar de donde trajo un plan estratégico para el marketing de la carne paraguaya en los mercados del mundo, 2019–2023. El estudio estratégico fue desarrollado como trabajo de posgrado por estudiantes de la Universidad de Cornell y será incorporado a la hoja de ruta de la Cámara Paraguaya de Carnes, indicó.

UNIÓN EUROPEA

Reporte sobre los avances en los acuerdos con Mercosur e Indonesia

15/03/18 As part of its commitment to a transparent trade policy, the Commission today published reports from the latest negotiating rounds with Indonesia and Mercosur. The round reports include information about progress in all areas of the respective negotiations. As regards Mercosur, the report concerns talks



held from 21 February to 2 March. Although much progress was made during that period there is still work to be done, and the chief negotiators remain now in contact to explore how to move forward on the remaining issues and advance into the very last stretch of negotiations. As for Indonesia, the report refers to the fourth round of talks held from 19 to 23 February. The Commission presented on this occasion new text proposals that are now also publically available: one related to rules of origin and the other regarding technical barriers to trade in the automotive sector. The aim in the negotiations is to achieve an ambitious and mutually beneficial trade agreement, including necessary guarantees to support sustainable development. The EU and Indonesia agreed to hold the next round of talks in Brussels before summer, at a date yet to be confirmed. For more information about both negotiations, see dedicated Mercosur and Indonesia webpages.

Brexit: Comisión efectuó recomendaciones para un acuerdo de asociación entre el Reino Unido y la UE

Press Releases Plenary Session 14.03.18 Respecting the integrity of the internal market, customs union and four freedoms

Securing equal and fair treatment for EU citizens living in the UK and British citizens living in the EU

Preserving the rights of citizens as set out in the Good Friday Agreement (Irish border)

Plenary endorses a resolution laying out a possible association framework for future EU-UK relations after Brexit.

Taking into account red lines announced by the UK government, an association agreement between the EU and the UK could provide an appropriate framework for their future relationship, says the resolution adopted by 544 votes in favour, 110 votes against, with 51 abstentions. This relationship could be based on four pillars:

- trade and economic relations (FTA),
- internal security,
- cooperation in foreign policy and defence and
- thematic cooperation, for example on cross-border research and innovation projects.

MEPs insist that the framework should include consistent governance, with a robust dispute resolution mechanism.

The resolution, prepared by the EP Brexit Steering Group, stresses the uniqueness of the EU ecosystem with its binding common rules, common institutions and common supervisory, enforcement and adjudicatory mechanisms. This means that even closely-aligned non-EU countries with identical legislation cannot enjoy similar rights, benefits or market access to those of EU member states.

Any framework for the future relationship would also need to respect the integrity of the internal market, customs union and four freedoms, without allowing for a sector-by-sector approach (cherry-picking EU laws). It should preserve the EU's independent decision-making and legal order, including the role of the ECJ.

Withdrawal agreement and transitional period

The resolution welcomes the Commission's 28 February draft of the Withdrawal agreement and expresses support for the transitional arrangements proposed.

It also reiterates the importance of securing equal and fair treatment for EU citizens living in the UK and British citizens living in the EU.

The resolution welcomes the European Commission's draft protocol on Ireland and Northern Ireland including its backstop option outlined in the December Joint Report that provides a concrete fallback solution against any hardening of the border and preserves the North-South cooperation. MEPs also underline the importance of the British government ensuring there will be no diminution of the rights of citizens as set out in the Good Friday Agreement.

Next steps

The resolution sets out Parliament's input ahead of 22-23 March summit of EU heads of state or government, which is expected to approve the Council's guidelines for negotiations on the UK's future relationship with the EU. Any withdrawal agreement and future association or international agreement with the UK will need to win the approval of the European Parliament.

Copa-Cogeca temen que la escalada de los conflictos comerciales con Estados Unidos afecte al sector alimentario

12/03/2018 Copa-Cogeca ha mostrado su grave preocupación en cuanto a la amenaza de una escalada de la guerra comercial con Estados Unidos, que podría tener consecuencias nefastas para el sector agrícola de la UE.



El secretario general del Copa y de la Cogeca, Pekka Pesonen, ha declarado: «Nos preocupa mucho el riesgo de que se agrave la situación y ello tenga consecuencias negativas para el sector agrícola de la UE, en el contexto de los litigios comerciales con Estados Unidos acerca de las importaciones de acero y aluminio. Este litigio podría afectar seriamente a los sectores agrícolas de la UE y de EE.UU. y esto es lo último que necesitamos en este momento».

Según destaca Pesonen, Estados Unidos es un importante cliente de productos agroalimentarios provenientes de la UE: "no queremos poner en peligro la relación comercial estable que mantenemos con ellos en materia de agricultura. Hacemos un llamamiento a la moderación en las negociaciones entre ambas partes para garantizar que los agricultores no acaben siendo víctimas de las desavenencias políticas".

Pesonen cita como una muestra de proteccionismo inequívoca los aranceles puestos a las importaciones de aceitunas españolas por parte del departamento de Comercio de EE.UU.

BELGICA cierran establecimiento por falsificación de datos

09/03/2018 Denis Ducarme, ministro de Agricultura de Bélgica y la Agencia Federal para la Seguridad de la Cadena Alimentaria de Bélgica han retirado las autorizaciones a una planta cárnica que la empresa Veviba posee en Bastogne tras las investigaciones llevadas a cabo por un juez por la falsificación de información sobre la fecha de congelación de la carne en más del 50% de los productos controlados.

Ducarme autorizó a la AFSCA a tomar las medidas oportunas frente a Veviba y el grupo Verbist al que pertenece para la protección de salud pública, teniendo en cuenta los elementos del archivo y el principio de precaución. Sobre la base de los resultados de la investigación, se encontró que algunos de los productos de Veviba no cumplían con las normas sanitarias vigentes.

La medida del cierre de las instalaciones de Veviba en Bastogne llega después de una denuncia en la que se detallaba que los productos de la planta investigada no cumplían con las normas sanitarias vigentes. Los delitos encontrados están relacionados con la falsificación de la información en la fecha de congelación de la carne y una falta de conformidad de los productos. De los 200 palés de carne examinados, 133 no cumplían con la normativa vigente.

Nada más conocerse la noticia se ha iniciado un proceso por el que cadenas de supermercados como Delhaize y Colruyt han retirado de sus lineales los productos de Veviba. Se da la circunstancia de que este matadero procesa cerca del 30% de la carne de vacuno del país.

ESTADOS UNIDOS

Expansión del rodeo bovino se retrasa por la sequía

March 14, 2018 Beef cow numbers increased 510,000 head in the Jan. 1 report, which was about half the increase seen last year. (Sara Brown)

Expansion of America's cowherd shows signs of stalling. Total beef cows in the U.S. were 2% higher on Jan. 1, 2018, at 31.7 million, representing the largest number since 2008. Breeding cattle inventories, however, signal a decrease in the rate of expansion, while drought in the southern and central Plains could shift the cycle into reverse.

The USDA–National Agricultural Statistics Service (NASS) Cattle Inventory report counted 94.3 million cattle and calves Jan. 1, an increase of less than 1% compared to a year ago. (See an interactive ranking of states here.)

"The cattle cycle is pretty well on track," Randy Blach, CEO of CattleFax, told attendees at the CattleFax Outlook Seminar during the Cattle Industry Convention and NCBA Trade Show in February. "We saw the USDA numbers released yesterday that indicated the herd expanded again in 2017. We expected that would be the case. But it is slowing down. The herd expansion is slowing down, and it looks like we'll be at our peak cattle inventory numbers in 2019 or 2020."

Beef cow numbers increased 510,000 head in the Jan. 1 report, which was about half the increase seen last year, when NASS reported a 3% increase. Since 2015, ranchers have added 2.4 million beef cows to their herds, a 7.7% increase.

The expansion is a sign of good times, says Sterling Marketing president John Nalivka, Vale, Ore.

"Expansion is the result of profits and ample forage supplies," he says. "While profits have eroded from the peak of 2014 and 2015, range and pasture conditions throughout much of cattle country have supported herd expansion. That may change this year."

Drought and smaller breeding inventories signal peak cycle numbers are near

That's because drought quickly spread across much of cattle country this past fall and intensified during the winter. Texas for instance, hammered by Hurricane Harvey in September, fell into a lengthy dry spell almost immediately thereafter. The National Weather Service reported areas of the Texas Panhandle didn't



record measurable precipitation for more than four months after Oct. 13, 2017. For Amarillo, that smashed the city's previous record streak of 75 consecutive days ending in early January 1957.

The epicenter of the current drought rests over the Texas and Oklahoma Panhandles and southwestern Kansas, but extends into every state from the Gulf of Mexico to the Canadian border. That 14-state area is where 60% of America's cowherds reside, and continued drought means herd reductions could begin soon.

Drought, however, has already influenced beef production and 2018 cattle prices. Winter wheat grazing was poor, pushing cattle to feedyards earlier than planned. That led to larger feedyard inventories that could shift slaughter and production patterns in 2018.

The Jan. 1 cattle on feed report totaled 14.0 million head, up 7% or 939,000 head larger than the same period in 2017, and the largest on feed number since 2012.

"Beef production will be up 6% compared to 2017," Nalivka says. "That is the result of herd expansion and growing production efficiencies."

In 2017 the U.S. beef industry produced 745 lb. of beef per cow, and Nalivka projects that number to rise to 774 lb. per cow in 2018, a 4% increase. Those numbers compare to 416 lb. per cow in 1975, which means today's industry is producing almost the same total number of pounds of beef with one-third fewer cows.

"In addition to more beef, we'll see 5% more pork and 2% more poultry this year, which will bring total per capita red meat and poultry supplies to 222 lb.," Nalivka says. "That will be a new record."

Exportaciones de carnes bovinas llegaron a un valor récord en 2017

14 March 2018 US - US beef sector exports had a near record year in 2017, rebounding values placed 2nd behind 2014, coming in at just over \$9 billion, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Strong beef sales overseas were led by increases in beef and veal, which were nearly \$1 billion more than 2016, followed by live cattle, which more than doubled in value. The US is a heavy exporter of beef and veal which totaled \$6.3 billion in 2017.

Import values for the US beef industry fell by about 2 per cent with lower values across the board for live cattle, beef and veal, variety meats, and skins and hides. Imports have been the main driver in recent years behind the decline in net export values (i.e. the value of exports less imports).

In 2014 and 2015, imports climbed to nearly over \$8 billion leading to a rapid decline in net export values. In 2017, that number moderated to \$6.8 billion with the majority of imports falling into the beef and veal category. Beef and veal accounted for 72 per cent of all import values last year followed by live cattle, accounting for another 23 per cent.

It's important to keep in mind that markets are efficient and that product flows where it finds the most value. Imported and exported are not necessarily the same cuts, grade or price. In 2017, product demand was strong as well, and throughout the year cattle prices remained firm despite beef production climbing by 3.5 per cent gain year-over-year.

The US is historically a net exporter of beef industry products. The gain this year seen in net exports values was over \$1.3 billion higher. With the exception of live cattle, beef and veal, hides and skins, and tallow, grease and variety meats all brought in more dollars to the US than imported beef products to the US market.

The total net export value of 2017 breaks out to about \$70 per beef cow in added value. Although this number does not represent the loss of value a producer would incur should the US lose some of its trading partners, it is a broad indicator of the positive value of trade.

Preocupa la política comercial de la Administración Trump

TheCattleSite News Desk 09 March 2018 US - US beef and pork exports registered impressive gains in January and, based on weekly export reports, we expect February shipments to show robust growth as well, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Total exports of fresh/frozen and cooked beef in January were 80,495 MT, 14.5 per cent higher than a year ago. Strong demand from Asian markets drove the gains in US beef exports last year and that was the case again in January.

Shipments to Hong Kong were 10,249 MT, a 44 per cent gain compared to the previous year. Beef demand in China has been growing rapidly in recent years as consumers there adopt a more western diet but also substitute chicken with beef due to bird flu fears.

Exports to Mainland China remain relatively small (802MT) but as the supply of hormone free beef in the US increases we should start to see more US beef go to Mainland China directly. Japan remains the top market for US beef, purchasing 20,554 MT in January, 9 per cent more than the previous year.

The value of US beef exports to Japan in January was \$125.5 million, a 26 per cent increase from the previous year and a clear indication of the robust demand for US beef in export markets. Exports to South



Korea on a volume basis were 16,033 MT, 19 per cent higher than a year ago. The value of US beef exports to South Korea was \$116.5 million, 39 per cent higher than last year.

Exports of fresh/frozen and cooked pork in January were 164,188 MT, 5.4 per cent higher than the previous year. The value of US pork exports in January was \$454.2 million, 8.5 per cent higher than a year ago.

Mexico is the largest market for US pork in terms of volume, purchasing 59,445 MT in January, 1 per cent higher than a year ago. Pork exports to Japan were 34,181 MT, 12.7 per cent higher in volume terms.

The value of US pork exports to Japan was \$144.4 million, 17.8 per cent higher than a year ago. Based on weekly exports we think February pork shipments are on track to be 5-6 per cent above last year while beef exports are on track to increase 9 per cent vs. year ago levels.

There is plenty of uncertainty about meat trade going forward, especially as some of our trading partners look to respond in kind to any US efforts to raise tariffs on their goods. It is hard to say how this will all play out but the reality is that the US is a large net exporter of meat protein and a slowdown in trade is generally bearish for US meat prices.

The chart above provides a summary of red meat and poultry trade in 2017 expressed in US\$ terms. Dollar sales of US pork and chicken products into export markets are significantly higher than the amount that we purchased from other countries. But there is a larger point that should be made.

The United States for a long time has believed that a capitalist system is superior to other forms of economic management as it encourages individual freedom to innovate and trade. Over time, this tends to encourage development and makes all consumers better off.

A tariff system ultimately is an expression of a statist (i.e. government) approach to the economy. It is true that some countries do not share our view of a capitalist system but that does not mean we become more like them.

It is also true that some countries, by virtue of their lower labor costs and weak domestic demand, have run trade surpluses. But most people in this planet live outside US borders. If we want our economy to grow we need to figure out how to sell more to them rather than prevent them from selling less to us.

Daily Livestock Report - Copyright © 2008 CME. All rights reserved.

USDA publicó la norma para la producción orgánica de carnes

TheCattleSite News Desk 13 March 2018 WASHINGTON – The US Department of Agriculture (USDA) today withdrew the Organic Livestock and Poultry Practices (OLPP) final rule, a set of standards that organic producers would have had to meet to qualify for the voluntary organic label for livestock and poultry

The USDA's move will exacerbate consumer confusion about the meaning of the organic label, and it will, ultimately, negatively impact family organic producers who adhere to strict, voluntary organic standards, according to the National Farmers Union (NFU).

NFU President Roger Johnson issued the following statement in response to USDA's action: "The voluntary practices that farmers need to meet to qualify for a USDA 'organic' label have always been governed by those that created the organic movement and who adhere to the strict standards that are agreed upon by the National Organic Standards Board.

"This body directed the National Organic Program to issue the OLPP standards in order to have some consistency in what is considered to be an organic practice.

"USDA's action to withdraw the OLPP rule is a mistake that will cost the family producers who already adhere to strict standards in order to meet 'organic' standards. It puts them on an uneven playing field with the types of operations who skirt the rules, yet also benefit from the same USDA organic label."

Japón mantendría el arancel del 50 por ciento después de marzo

March 13, 2018 The January report from the U.S. Meat Export Federation (USMEF) showed Japan is maintaining a large appetite for U.S. beef products with January exports increasing 7 percent from 2017 volume levels and 19 percent in value.

Japan is expected to lift its additional safeguard tariffs on U.S. frozen beef shipment the end of march, dropping the 50 percent tariff to 38.5 percent. This decrease is expected to make the U.S. more competitive with other countries, but it isn't as low as Australia's tariff with the island nation.

"We feel we can deal with that tariff gap as it is right now, but we certainly don't want to experience the 50 percent tariff again," said Joe Schuele, communications director of the USMEF.

Last week, Ted McKinney, USDA undersecretary, visited Japan and said the Japanese were eluding to removing the tariffs.

"They're honorable people, and I'd be very disappointed if it didn't get lifted," he said.

Hear McKinney talk about how Japan wants the U.S. to rejoin the Trans-Pacific Partnership on AgDay above.



March 13, 2018 Wherever you get your news, you likely couldn't avoid hearing a particular T word last week: tariffs. On the heels of the announcement that the U.S. will impose a 25 percent tariff on steel imports and a 10 percent tariff on aluminum imports, many prognosticators were taking sides on the impact the tariffs would have on businesses and consumers. Don't worry, this article is not about metals and I'm no forecaster of those industries. However, tariffs are something that those in the beef industry have been talking about for a long time. Also released last week were the latest monthly U.S. beef trade data that show continued impressive growth of U.S. beef exports. So while we have a tariff example fresh in the news and a report of strong beef exports, perhaps it's a good time to touch on some of the tariffs facing U.S. beef entering other countries.

Beef exports were up 9 percent on a tonnage basis and 21 percent in value year-over-year during January 2018 according to a recent report by USMEF and data from USDA. These are impressive totals, especially since January 2017 had relatively large export totals, too. Exports to Asian markets continue to be strong for U.S. beef. However, this strength is certainly influenced by tariffs both in absolute terms and in relation to lower tariffs faced by other exporting countries.

A quick, simplified, definition of a tariff is that it is a tax on foreign goods to enter a country. Using the U.S. steel example, if someone wants to import \$100 of steel from a foreign country that is subject to the tariff, they will have to also pay the government \$25. Of course, this effectively raises the price of that foreign steel and makes domestic production relatively more competitive. So if U.S. beef faces a tariff to enter another country, that beef becomes more expensive for consumers in that country.

The tariff on frozen U.S. beef entering Japan (the most valuable U.S. beef export market) is normally 38.5 percent. However, the rate has been 50 percent since last August due to a triggered safeguard tariff that will revert back to 38.5 on April 1, 2018. Meanwhile, the tariff for Australian frozen beef to enter Japan is only 27.2 percent and is scheduled to continue to decline. The major difference: Australia has a trade agreement with Japan. While U.S. beef is at a disadvantage in Japan, a bilateral trade agreement with nearby South Korea is reducing the tariff on U.S. beef. It is currently at 21.3 percent and is set to gradually reduce to zero over the next eight years. This tariff on U.S. beef is lower than the 26.6 percent faced by Australian beef entering South Korea and is scheduled to remain about 5 percent lower over the next decade as both countries tariffs are gradually reduced to zero.

U.S. beef exports continue to be a bright spot for the beef industry. The exceptional growth of exports in 2017 is credited as a primary reason for the strength of cattle markets. However, a snapshot of the different tariff situations for U.S. beef entering Japan and South Korea shows the impact that trade agreements can have on the export environment. Scheduled tariff reductions are leading U.S. beef to become relatively cheaper for consumers in South Korea while frozen U.S. beef entering Japan remains subject to a high tariff as competitors' beef becomes relatively cheaper. U.S. beef exports to Japan have been undoubtedly strong, but they would likely be even stronger at tariff levels similar to those of competing export countries. So while everyone continues to discuss tariffs on steel and aluminum, take the opportunity to consider and discuss how tariffs impact the beef industry and cattle markets.

Se espera que el consumo de carne aumente en 2018

13/03/2018 Después de dar un giro más bajo en los próximos meses a la Gran Recesión, se espera que el consumo de carne de los Estados Unidos siga creciendo en 2018, recuperando los niveles de hace una década.

Chris Hurt, profesor de economía agrícola de la Universidad de Purdue, dijo que el consumo per cápita de carne en Estados Unidos en 2007 fue cercano a los 100 kg/persona/año, que incluía el consumo de carne de cerdo, res, pollo y pavo. "Los altos precios de los piensos causaron que la industria ganadera redujera la producción, lo que causó que el consumo de carne per cápita cayera a 91.6 kg/persona/año", dijo.

Hurt dijo que el consumo bajó porque hubo una disminución en la oferta ante los altos precios de los piensos que debían afrontar los ganaderos. "A fines de la década de 2000, hubo una grave sequía en las grandes zona de pasto del país, que causó el sacrificio del ganado en muchas zonas ante la dificultad para alimentarlo con piensos", agregó.

Hurt dijo que 2014 fue otro punto de inflexión para la ganadería ya que el precio de los productos como huevos, leche y las distintas carnes subió y, a medida que los precios de los piensos, los productores ganaban una rentabilidad récord. "En 2014, 2015, 2016 y 2017, la industria animal experimentó buenos años y se supone que el consumo per cápita aumentará hasta casi 100 kg/persona en este 2018", dijo.

En su mayor parte, dijo Hurt, la industria volverá a tener un negocio positivo en 2018. La excepción es que la cantidad de consumo de carne de vacuno, que fue de 29,4 kg/persona en 2007, se espera que regrese a 26.7 kg este año debido a la sustitución de esta carne por otras.



AUSTRALIA

Vietnam incrementó su capacidad de faena e importaría más ganado en pie

13 March 2018 - Growing demand for Australian cattle has prompted Vietnam's processing sector to invest millions in abattoir training facilities to improve animal welfare.

ABC Online reports that in 2016, disturbing footage was allegedly released by animal welfare group Animals Australia showing cattle being bludgeoned to death in Vietnamese abattoirs.

Since then Australia has been working with Vietnam, which is the second-largest importer of live Australian cattle, to improve its animal welfare standards to ensure the country complies with the Exporter Supply Chain Assurance System (ESCAS) so it can continue importing Australian cattle.

Now, two commercial companies in Vietnam have invested millions of dollars to develop training facilities, where staff undergo a three-month intensive program to learn western ways of processing cattle.

Meat and Livestock Australia (MLA) livestock services manager Michael Patching, who is based in Vietnam, described the facilities as high-quality abattoirs.

"Every Australian I bring to these facilities is surprised at the amount of money spent on them and how modern they look," Dr Patching said.

"They could fit very well into any Australian domestic supply abattoir that you would see in the modern world."

The push for improved cattle handling and processing standards has come from within Vietnam, according to Dr Patching.

"Vietnam, like many places in the world, need models to help model their development," he said.

"We are just nurturing that growth."

"To date it [the training] has focused on ESCAS compliance. This is more about positioning Australian beef and cattle at the forefront of the development of the sector here in Vietnam.

"We have done a lot of work in abattoirs, which we and they know is a problem area ... [but now] there is potential to shape the industry so that it does grow in line with Australia's priorities and can become a sustainable industry.

"[So] the training will focus very heavily on making sure cattle are looked after before slaughter and at the point of slaughter."

Plan to transition into sustainable model

As part of the beef sector's development in Vietnam there is also a strong push for improved food safety.

MLA and the Australian Government have supported the industry through this development.

MLA has focused its efforts on educating the industry about opportunities to expand its markets for beef.

The Government has initially funded the training, which will be undertaken by a registered training organisation in Australia.

"The intention is that it transitions into a sustainable model, so we will hand it over to the Vietnamese and train the trainers," Dr Patching said.

The two facilities in the south of Vietnam are set to open at the end of March.

Empujada por la falta de lluvias, aumentó la faena de ganado

15 de marzo de 2018 Altas temperaturas y escasas lluvias impulsaron la faena de ganado en el mercado australiano, que se tradujo en un aumento en las exportaciones.

En febrero los envíos al exterior superaron las expectativas con 85.845 toneladas, 25.000 por encima que enero, una suba de 41% mensual y 15% en la comparación interanual.

En lo que va del año las exportaciones de carne vacuna acumulan 146.700 toneladas, 17% más que en igual periodo del año pasado.

La comercialización en marzo debería mostrar señales de enlentecimiento después fuerte dinamismo de comienzos de año, con la semana de Pascuas adelantada, cortando la faena, reportó Beefcentral.

Las ventas a los principales destinos crecieron, por ejemplo a Japón, con una suba de 45% de enero a febrero y 5% interanual. También aumentaron las compras mensuales de EEUU (35%) y de Corea del Sur (25%).

Las exportaciones vacunas a China se vieron influenciadas por las celebraciones del año nuevo chino (que este año comenzó el 20 de febrero), y registraron una fuerte suba mensual de 46% y de 35% interanual.

VARIOS

CHINA cambiará la AQSIQ por una nueva agencia con mayores competencias

15/03/2018 Dentro de la reforma de su sistema de control de la seguridad alimentaria



El gobierno chino ha anunciado la puesta en marcha de un nuevo organismo con más competencias y encargado de la gestión de la seguridad alimentaria buscando así una forma más eficiente en la formulación de políticas gubernamentales en torno a la alimentación tras los procesos de fusiones y compras vividas en el país.

El pasado martes se adelantó el plan que consiste en la creación de 7 ministerios nuevos así como agencias gubernamentales. Una de ellas sería una oficina de administración de supervisión de los mercados nacionales en la que se incluirán las actuales funciones de la Administración General de Supervisión de Calidad, Inspección y Cuarentena (AQSIQ) y la Administración de Alimentos y Medicamentos de China.

Ante esto, el papel de la AQSIQ como controlador de la calidad de las importaciones y exportaciones se transferirá a los departamentos de control aduanero.

De esta forma se pone de manifiesto que el gobierno chino quiere coordinar mejor la regulación y el cumplimiento de la cadena alimentaria tras los escándalos de este tipo vividos en el país en los últimos años.

NUEVA ZELANDA Satisfacción por la firma del acuerdo de libre comercio del Pacífico

12/03/2018 Nueva Zelanda y otros 10 países han firmado definitivamente el acuerdo de libre comercio para el Pacífico que fue revisado y renegociado después de que Estados Unidos se retiró el año pasado. Beef + Lamb New Zealand calculó que el acuerdo ahorraría al sector de carnes rojas de Nueva Zelanda más de 70 millones de dólares en aranceles una vez que se implementen por completo.

El acuerdo es crucial para obtener un mejor acceso a Japón, donde Australia ha tomado una gran parte de la cuota de mercado de Nueva Zelanda después de firmar un acuerdo con el país hace dos años.

Rowena Hume, directora de Beef + Lamb dijo que habría beneficios inmediatos una vez que se implemente el acuerdo. "Por ejemplo, Japón, que es uno de nuestros mercados de carne más grandes, una vez que entre en vigor, los aranceles sobre la carne bajarán del 38.5% al 27.4% ... eso es realmente significativo.

"En los últimos años desde que el TLC de Australia entró en vigor con Japón, sus exportaciones de carne de vacuno aumentaron en alrededor de mil millones de dólares, mientras que las nuestras se redujeron en unos 50 millones".

Hume dijo que el mercado había estado creciendo, pero Nueva Zelanda había estado perdiendo una gran parte del mercado. "También obtendremos una ventaja significativa inmediata sobre los EE. UU., que son los segundos mayores exportadores de carne de vacuno a Japón, porque seguirán enfrentando los mismos aranceles del 38,5%".

Con el acuerdo firmado, Nueva Zelanda todavía tiene que pasar por su proceso de ratificación interno, pero Hume dijo que los exportadores obtendrían las recompensas una vez que se hiciera. "El producto que ingrese a Japón después de ese primer día enfrentará esa reducción arancelaria inmediata", asegura.

EMPRESARIAS

BNDES negocia venta de su participación en JBS

12/03/18 - por Equipe BeefPoint O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) está negociando a venda de sua participação na JBS, controlada pela J&F Investimentos, holding da família Batista, de acordo com nota publicada na coluna de Lauro Jardim, do jornal O Globo.

Conforme a nota, a transação gira em torno de R\$ 7 bilhões e fundos soberanos são os potenciais compradores. As conversas ainda são iniciais.

O banco de fomento está do capital da JBS, maior processadora de proteína animal do mundo, por meio da BNDESPar. O braço de participações tem 21,32% da companhia. Na sexta-feira, essa fatia valia cerca de R\$ 5,7 bilhões a preços de mercado.

Holding Batista fundamentó sus decisiones

14/03/18 - por Equipe BeefPoint A FB Participações, veículo por meio do qual a J&F controla a JBS, afirmou hoje, em nota, que havia "motivos racionais" para que a empresa recomprasse suas próprias ações e que não há provas para demonstrar o impacto das operações em preço e liquidez no mercado. A empresa refuta as informações da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) de que os irmãos Joesley e Wesley Batista tiveram ganho indevido com as operações, e rechaça as acusações sobre a atuação da controladora. O caso é alvo de processo na autarquia que analisa o uso de informação privilegiada e manipulação de preços, além de abuso de poder de controle.

O documento enviado à imprensa cita estudo da Fipecafi, que segundo a companhia já demonstrou que a JBS tinha "motivos racionais" para recomprar suas próprias ações, porque estavam baratas e os analistas de mercado recomendavam a sua compra.



“Mais do que isso, operações de recompra não são atípicas, a JBS as vinha fazendo desde 2007. A FB, por sua vez, precisava vender suas ações, dada a sua necessidade de caixa, em vista das suas receitas, despesas e vencimentos de dívidas. As defesas, tanto de Joesley Batista quanto de Wesley Batista, reiteram que não houve ganho financeiro algum de ambos”, diz a nota.

Ainda segundo o relatório, a venda de ações da JBS pela FB Participações no mesmo período em que a companhia colocava em prática o programa de recompra – dois meses depois de aprovado – se mostrou em “evidente conluio”, com a finalidade de neutralizar a pressão vendedora causada pelas vendas da FB. Isso, segundo o documento, ensejou a indução de terceiros a sua compra e venda por valores artificialmente mantidos. “A conduta em questão resultou na prática de outro ilícito, qual seja, a manipulação do preço do ativo JBSS3”, afirma.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

BNDES reclamará perdas ocasionadas por JBS

16/03/18 - por Equipe BeefPoint O Ministério Público Federal (MPF) pretende utilizar cálculos do Tribunal de Contas da União (TCU) sobre os prejuízos causados ao BNDES como suporte para a atualização dos valores do acordo de leniência da holding J&F, que controla a JBS.

Levantamento feito pela Secretaria de Estatais do TCU estima que o banco pode ter perdido R\$ 5 bilhões com os aportes da BNDESPar na JBS. O montante é bem superior aos cerca de R\$ 2 bilhões que o grupo empresarial se comprometeu a devolver ao banco no acordo de leniência.

A atualização é necessária pois o acordo não contemplou os achados da Operação Bullish, que revelou irregularidades nas operações com o BNDES. O termo, assinado em maio de 2017 por R\$ 10,3 bilhões, considerou as operações Greenfield, Sepsis e Cui Bono, que tratam de negócios ilícitos com a Caixa e com os fundos de pensão de estatais.

Uma comissão com diversos órgãos, incluindo o TCU, foi criada para tratar da renegociação do acordo da J&F. Os investigadores do MPF acreditam que a participação do tribunal de contas ajuda a dar consistência aos novos valores que serão cobrados.

Além do tribunal de contas e dos procuradores do MPF, a comissão tem integrantes do BNDES, da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), da Controladoria-Geral da República (CGU), da Superintendência Nacional de Previdência Complementar (Previc) e da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN). Conforme o TCU, a BNDESPar comprou ações da JBS a preço superior ao que seria justo. Com isso, deixou de ter participação acionária maior na empresa e, conseqüentemente, um ganho mais alto com dividendos. Essa conta representou uma perda de aproximadamente R\$ 1,3 bilhão.

A venda de parte dos papéis ocasionou um prejuízo de mais R\$ 1,5 bilhão para o banco, segundo o relatório do tribunal. Os valores são corrigidos desde a época em que as operações foram feitas, entre 2011 e 2015. O TCU considerou ainda as perdas com a desvalorização das ações que ainda estão na carteira do banco. Nessa rubrica foram contabilizados mais R\$ 2,1 bilhões. O BNDES discorda e ainda sustenta que os negócios com o grupo empresarial apresentaram resultados positivos.

A JBS, por sua vez, afirma que “todos os aportes feitos pelo BNDES na companhia seguiram estritamente a legislação e foram amplamente divulgados, conforme regras da CVM, e de acordo com as práticas de mercado”. A empresa também lembrou “que a holding J&F é responsável pela totalidade da multa estabelecida no acordo de leniência, não cabendo qualquer ônus à JBS”.

Burger King anuncia uma segunda marca em Brasil

Fonte: InfoMoney. 12/03/18 - por Equipe BeefPoint O Burger King pode estar perto de anunciar a sua segunda marca no Brasil, informou na quinta-feira (9) Iuri Miranda, presidente da empresa no Brasil em teleconferência com investidores e jornalistas.

De acordo com Miranda, o processo de trazer uma nova marca vem sendo discutido há mais de dois anos e, pelo fato da companhia estar em um estágio sólido com time, estrutura, sistema, acesso a fornecedores e conhecimento organizados, todo esse know-how pode ser replicado para uma outra marca de fast food. “Esperamos anunciar algo em breve”, disse.

Para o executivo, há espaço no mercado brasileiro para empresas que apostem nos setores de frango, pizza e café. “A marca pode ser nacional ou internacional”, afirmou. Uma das possibilidades é que a empresa traga uma marca do portfólio da Restaurant Brands International (RBI), controladora da rede.

Rumores do mercado indicam que a empresa trará para o país a Popeyes, de frango frito. Uma parceria com cafeterias brasileiras também estaria nos planos da controladora.

A notícia veio após o anúncio de resultados da empresa, na noite da última quinta-feira (8), em que a empresa registrou uma receita de R\$ 1,8 bilhão no quarto trimestre de 2017 – um aumento de 28%. Para 2018, a expectativa é de que a companhia mantenha o ritmo de expansão do ano anterior e estima um investimento (Capex) entre R\$ 200 milhões e R\$ 250 milhões. “Estamos muito animados não somente com os resultados positivos, mas com o que temos pela frente em 2018”, afirmou Miranda.

